

Cine Olho
Uma abordagem do início do cinema.

O GRIVO + ROBERTO FREITAS

“E eis que, num dia de primavera, em 1918, eu volto da estação. Guardo ainda no ouvido os suspiros, o barulho do trem que se afasta... alguém que faz juras... um beijo... alguém que exclama... Riso, apito, vozes, sinos, respiração ofegante da locomotiva... Murmúrios apelos adeuses... Enquanto caminho, penso: é preciso que eu acabe de aprontar um aparelho que não descreva, mas, sim, fotografe esses sons. Caso contrário, impossível organizá-los, montá-los. Eles fogem como foge o tempo. Uma câmera, talvez? Inscrever o que foi visto... Organizar um universo não apenas audível, mais visível. Quem sabe não estará nisso a solução?...”

(Dziga Vertov)

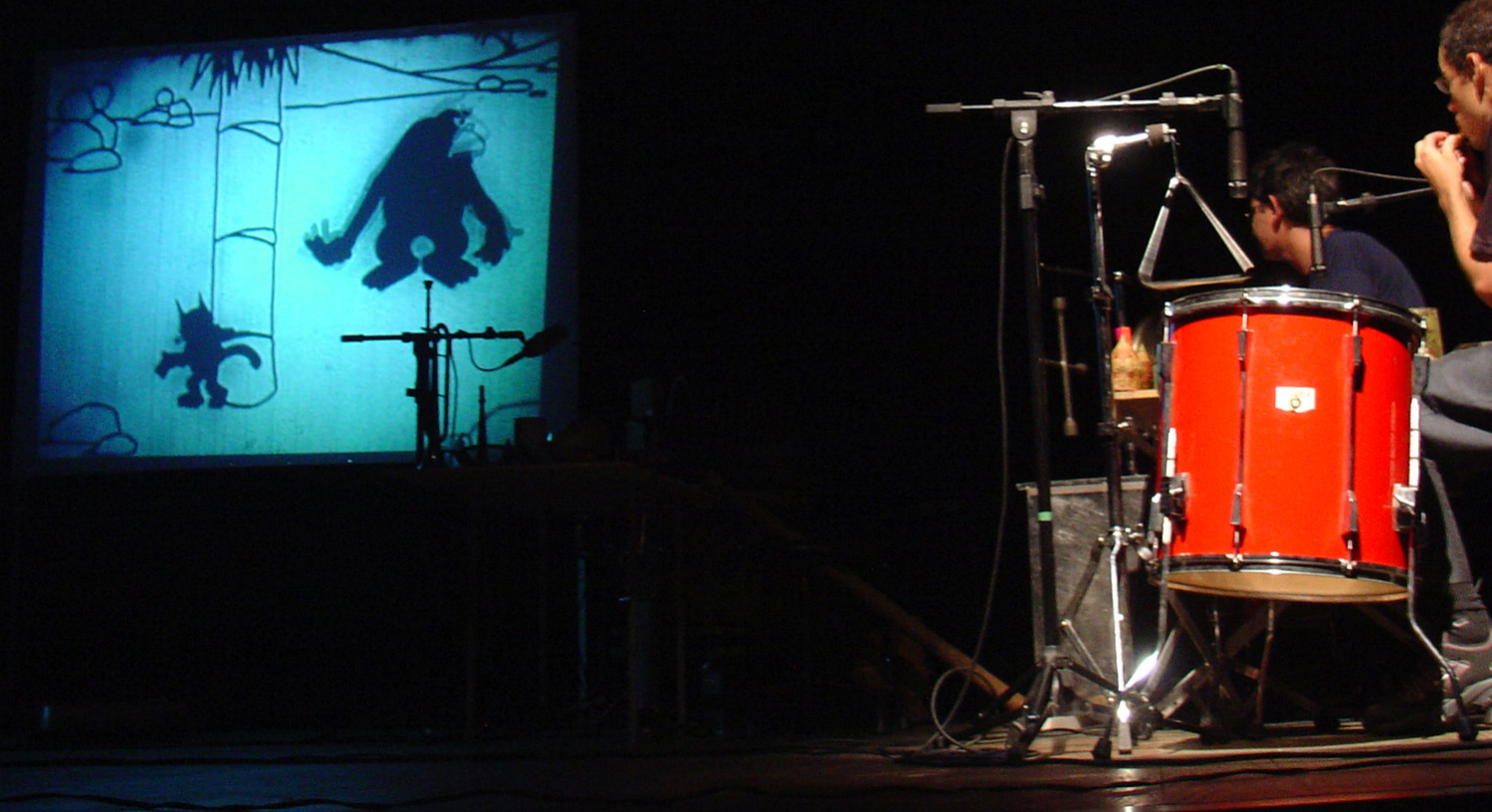
Este projeto é o fruto do pensamento de três artistas sobre o cinema precoce, tenta se aproximar daquelas imagens em seu poder de seduzir, de fazer pensar de construir subjetividades. É, antes de mais nada, uma investigação sobre a natureza audiovisual.

Vemos nas imagens do cinema precoce, do início do século XX, um estranho familiar, ao mesmo tempo uma graça ingênua que misteriosamente nos atravessa com uma potência artística singular e, ao nos atravessar desvela um imaginário amplamente colonizado pela indústria da imagem.

Depois da invenção do cinema o homem nunca mais sonhou da mesma forma, as imagens em movimento transformaram nossas mentes verticalmente, é praticamente impensável imaginar o que seria um mundo sem audiovisual. Ao mesmo tempo sabemos que o audiovisual se transformou de maneira radical no passar do século XX. Não foram os só os artistas que trabalharam as potencialidades do cinema, a indústria e a publicidade foram rápidas em entender as implicações sociais daquelas imagens e criaram grandes latifúndios normalizantes. Hoje a experiência cinematográfica está, na maior parte das vezes, domesticada à uma sala e uma tela sempre iguais, pensadas como suporte aos produtos da indústria e da publicidade e, com isso, o espanto e a magia desapareceram substituída por uma narrativa dramatúrgica que se transformou na norma.

Voltar aos primeiros filmes e repensa-los esteticamente é uma urgência mais de 100 anos depois de instaurada o que hoje é a norma, principalmente hoje em que avanços tecnológicos fundam novas forças normalizantes.

Por “Cine-olho” entenda-se “o que o olho não vê”
como o microscópio e o telescópio do tempo
como o negativo do tempo
como a possibilidade de ver sem fronteiras ou distâncias,
como o comando à distância de um aparelho de tomadas de
cena
como o tele-olho
como o raio-olho
como “a vida de improviso”, etc,etc. (Dziga Vertov)



Duas ações:

Performance + instalação

Performance:

O Cine Olho performance pretende ser uma janela para uma outra possibilidade audiovisual, retomando a ideia das salas de cinema com música ao vivo os artistas trabalharam em uma abordagem que atualizasse as antigas narrativas, contextualizando-as a arte contemporânea, refazendo a experiência audiovisual como algo renovado e poderoso, trazendo ao palco da apresentação fílmica original, uma performance audiovisual contemporânea repleta de instrumentos musicais tradicionais e preparados, objetos sonoros muito variados, meios eletrônicos, video mapping, etc.

Filmes prontos:

Entr'acte - Rene Clair

The Imigrant - Charlie Chaplin

Tha Age of ... - Orson Welles

Le Chute de la Maison Usher - Jean Epstein

Anemic Cinema - Marcel Duchamp

Le Chien Andaluz - Luiz Bunel / Salvador Dali

Le Voyage dans la Lune - George Melies

La Arrive dun Train a la Ciotat - Lumiere

Le Etoile de Mer - Man Ray

Emmak Bakia - Man Ray

Ballet Mecanique - Fernand Leger

Fait Divers - Claude Autant Lara

Instalação (inérita):

O Cine Olho instalação pretende ser uma homenagem sutil ao mecanismo do cinema em sua essência, a projeção cinematográfica é acompanhado por uma série de objetos maquímicos que acompanham em perfeita sincronia os movimentos e cenas do filme produzindo uma trilha sonora mecânica que responde aos estímulos do filme. O processo de funcionamento está baseado em um algoritmo que lê as informações do filme e as transforma em pulsos analógicos que controlam os motores das máquinas sonoras em perfeita sincronia.

Filmes em montagem:

Anemic Cinema - Marcel Duchamp

The Mischances of a Photographer - George Melies



Idéias fundentes do trabalho:

Apresentar ao público o diálogo entre as obras e a proposição sonora e musical executada ao vivo pelos artistas e por algoritmos computacionais.

A proposição sonora e musical varia de obra para obra e apresenta possibilidades distintas de abordagem dos filmes.

Por vezes a trilha sonora funciona de maneira harmônica com o filme no que diz respeito à sua montagem, temática, etc. Por vezes quando os filmes convidam a uma abordagem mais livre dá-se a construção de estruturas cuja articulação prescinde de uma progressão didática ou tradicional, baseada na continuidade.

Em ambos os casos as propostas são constituídas por materiais musicais distintos no que se refere ao timbre, à característica rítmica etc; e ainda no que se refere às estratégias de diálogo entre os artistas.

Frequentemente são criadas estruturas musicais capazes de forjar ambientes que tenham relações analógicas com a realidade :

cidade / campo / fábrica / parque / etc

A “leitura” do filme se dá desde dois ângulos distintos :

- 1 - o filme como partitura - mesmos sons e formas para as mesmas imagens;
- 2 - o filme como convite à improvisação.

No caso da opção pelo diálogo mais livre para com o filme a estratégia de diálogo caminha no sentido de um olhar mais atento aos aspectos formais das obras, em detrimento do caráter psicológico de cada filme. É importante ainda o trabalho com parâmetros de montagem comuns ao cinema desta época e à “Música Nova” :

(i)mobilidade / velocidade / silêncio / (dis)sincronismo / (des)continuidade / etc

Estas idéias dialogam também com conceitos básicos que Jean Epstein descreve como fundamentais nas obras cinematográficas em 1921. Alguns deles:

O Cinema e as Letras Modernas (1921)

Jean Epstein

Estética da Sugestão

(...) Acima de tudo o vazio de um gesto que o pensamento, mais rápido, empolga em seu nascedouro e, a partir daí, o precede. (...)

Estética da Sucessão

(...) A sucessão rápida e angular tende para o círculo perfeito do simultaneísmo impossível. A utopia fisiológica de ver ao mesmo tempo é substituída pela aproximação: ver depressa. (...)

Estética da Rapidez Mental

(...) Em alguns segundos, é preciso forçar a porta de dez metáforas, senão a compreensão se perde.

Nas Iluminações de Rimbaud, a média é de uma imagem por cada segundo de leitura em voz alta.



Nos Dezenove Poemas Elásticos de Blaise Cendrars, a média é a mesma: às vezes um pouco mais baixa.

Por outro lado, em Marinetti não há mais do que uma imagem a cada cinco segundos.

Depois de alguns Douglas Fairbanks, senti alguma fadiga, mas nenhum tédio. (...)

Estética de Sensualidade

(...) No cinema a sentimetalidade é impossível. Impossível por causa dos primeiríssimos planos, da precisão fotográfica. O que fazer das flores platônicas quando se nos oferece a pele de um rosto violentado por quarenta holofotes? (...)

Estética de Metáforas

(...) Na tela, uma multidão. Um carro passa com dificuldades. Ovação. Tiram-se chapéus. Mãos e lenços, como manchas claras, acima das cabeças, agitam-se. Uma inegável analogia nos lembra desses versos de Apollinaire:

“Quando as mãos da multidão lá folheavam também”



Sobre O Grivo:

Em fins de 1990 O Grivo realizou seu primeiro concerto em Belo Horizonte, iniciando suas pesquisas no campo da “Música Nova”. Interessado na ampliação do seu repertório de sons e na descoberta de maneiras diferentes de organizar suas improvisações, o grupo desenvolve sua linguagem musical. Em função da busca de “novos” sons, de outras possibilidades de orquestração, e de formas diferentes de montagem, O Grivo trabalha com “Mecanismos Sonoros” e “Fontes Sonoras” pouco usuais (eletrônicas e acústicas), além de instrumentos musicais tradicionais.

A pesquisa tem como consequência um crescimento da importância das informações visuais em suas montagens à qual se soma um diálogo, também ininterrupto, com o cinema, vídeo, teatro e a dança. Nas montagens (instalações / concertos) o espaço de fronteira e interseção entre as informações visuais e sonoras é o lugar privilegiado que gera a tradução sonora ou imagética para questões como textura, organização espacial, sobreposição, perspectiva, densidade, velocidade, repetição, fragmentação, etc.

A proposição de um estado de curiosidade e disposição contemplativa para a escuta, e a discussão das relações dos sons com o espaço são as questões sobre as quais se apóiam os trabalhos do grupo.

Sobre Roberto Freitas:

Artista plástico que trabalha com múltiplos meios. Seus trabalhos flertam com cinema, dança, escultura, performance, desenho e pintura. Tem bacharelado em artes plásticas e mestrado em teoria da arte, ambos realizados na UDESC. Trabalhou como professor de desenho na universidade e em uma pós graduação quando em paralelo coordenou a ARCO (2003 até 2008), um espaço dedicado a investigação em artes contemporâneas, lá realizou dezenas de exposições de jovens artistas, sendo algumas atuou como curador. Atualmente se dedica a seu trabalho de artista que foi exibido em individuais no SESC Pompéia (2013), na galeria Virgílio, Museu Victor Meirelles, Mis de Florianópolis, Mis de Campinas e no Memorial Mayer Filho ainda participou de coletivas em alguns países.